

## Miscellanea

## I

## Noticias varias

## 1. O inventario dos bens nacionaes

«Existe na bibliotheca da Universidade de Coimbra um pequeno volume lindamente calligraphado em pergaminho, com letras capitaes realçadas de ouro e adornado primitivamente de 14 estampas em folha solta, outras tantas miniaturas ou quadrinhos sacros, devidos ao pincel subtil de um pintor anonymo. São umas *Horas de Nossa Senhora*, um d'esses preciosos devocionarios que faziam o encanto espirital das damas galantes e religiosas dos seculos medievaes e ainda dos primeiros annos depois da invenção de Fausto e Guttenberg.

Mão profana cortou vandalicamente oito d'essas estampas, com intuito por certo ganancioso. De quatro d'ellas sabia-se a existencia em posse de particulares, e á custa de laboriosa campanha e até de sacrificios conseguiu o illustre director d'aquella bibliotheca que as pombas extraviadas voltassem ao ninho materno, d'onde nunca deveriam ter saído.

As vicissitudes d'este episodio acham-se delicadamente narradas, para não ferir susceptibilidades pessoaes, num dos ultimos numeros do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*. Ahi se fazem, com o mais levantado patriotismo, com o mais puro amor pela sciencia, pela arte e pela litteratura, judiciosas considerações sobre a necessidade de inventariar methodicamente e com o mais criterioso escrupulo os objectos dignos de apreço que existem no nosso pais e que devem ser transmittidos á posteridade, com piedoso respeito, como thesouro inviolavel, que, longe de ser defraudado, se deve ir aumentando de dia para dia.

Estamos de perfeito accordo com estas ideias e gostosamente as reforçaremos, sentindo não ter mais autoridade para fazer com ella pender o prato da balança em favor de uma questão tão momentosa.

Em todos os paises cultos se tem comprehendido e considerado como principio axiomatico que o meio mais efficaz de occórrer á perda, ruina e extravio dos objectos preciosos, de character mais ou menos monumental, é proceder ao seu cadastro, já por meio das estações officiaes, já por meio das corporações de qualquer natureza, seculares e religiosas.

Em França deu-se começo a um trabalho d'esta ordem no anno de 1878, em que se publicou o 1.º volume com o titulo de *Inventaire général des richesses d'art de la France*. O ultimo, isto é, o 16.º da serie, sendo o 3.º dos monumentos religiosos, saiu em 1901.

Não só debaixo do ponto de vista artistico e archeologico, mas tambem debaixo do comesinho ponto de vista economico e regulamentar, a feitura e generalização d'estes inventarios torna-se urgente, imprescindivel, inadiavel. Sabemos de algumas repartições onde se não faz registo dos objectos entrados, de modo que é difficil, senão impossivel, exercer-se rigorosa fiscalização. O que vale é que a honradez proverbial dos seus directores tem obstado, senão em absoluto, pelo menos quanto possivel, a que haja depredações e extravios de maior vulto.

Na Academia de Bellas Artes e no museu respectivo por muito tempo se deixaram de inventariar os objectos entrados, de sorte que é hoje muito difficuloso catalogá-los, indicando a sua procedencia.

Se o desleixo e a incuria reinam em grande parte, é gostoso confessar que não faltam louvaveis excepções á regra, e neste caso está o archivo do Tribunal de Contas, que nos dizem ser um perfeito modelo.

Oxalá que as demais repartições o imitassem!

É sabido que quasi todos os ministerios publicam obras por conta propria ou adquirem exemplares de edições estranhas. Essas obras parece que não são arrecadadas nem distribuidas conscienciosamente. Ao passo que se contempla o primeiro adventicio que as solicita, deixam de ser enviadas para os estabelecimentos de ensino a cargo do Estado. Vão, por exemplo, á Torre do Tombo e, vejam quantas obras existem lá de semelhante procedencia official! Em compensação apparecem nos alfarrabistas e nas tendas.

Á Imprensa Nacional foi parar esporadicamente, não sabemos a que titulo, e sob que pretexto, o livro das *Horas* da rainha D. Leonor, procedente, se não estamos em erro, do extincto mosteiro da Madre de Deus. Este precioso manuscrito, de grande originalidade e de execução primorosa, é dos mais notaveis que possuímos, e devera ser recolhido, junto dos seus congeneres, ou na Torre do Tombo, ou na Bibliotheca Nacional. Ali é que é o seu logar proprio.

Para se mostrar quanto certos archivos estão longe de corresponder ao seu fim, citaremos as fadigas e diligencias, tantas vezes infructuosas, que teem custado ao illustre engenheiro Sr. Adolfo Loureiro o colleccionar plantas e outros elementos, aliás modernos e contemporaneos, para a elaboração da sua monumental memoria descriptiva dos nossos portos maritimos, sobretudo o de Lisboa.



Por todos os factos que vamos apontando, pelas breves considerações que nos suggeriram e que poderíamos ampliar indefinidamente, vê-se de relance, e sem grande esforço, qual é a vantagem e a conveniencia do Governo realizar desde já algumas medidas que ponham termo ao estado de desordem que domina em alguns estabelecimentos, reservando-se para apresentar ás Côrtes uma lei que resolva definitivamente o problema, satisfazendo as aspirações de todos os que desejam e fazem votos pela integridade do patrimonio nacional».

(Do *Diario de Noticias*, de 31 de Julho de 1906).

## 2. Os manuscritos da Real Biblioteca da Ajuda

«A Biblioteca Real da Ajuda é uma das nossas bibliotecas que possuem maior somma de manuscritos, alguns dos quaes de singular importancia, já sob o aspecto litterario e historico, já sob o aspecto artistico.

Os que se interessam pelo desenvolvimento intellectual do nosso país lastimavam que essas preciosas colleções não estivessem devidamente catalogadas de maneira que satisfizessem de pronto sobre qualquer assunto a curiosidade dos estudiosos, quer nacionaes quer estrangeiros, sendo indubitavel, como é, que a Biblioteca Real da Ajuda goza de merecida fama, como repositorio bibliographico, tanto em Portugal como lá fóra.

A lacuna, porém, vae brevemente ser preenchida, porquanto a organização do catalogo em bases scientificas está incumbida a uma pessoa competentissima, com larga erudição e conhecimentos de linguas, a qual, desde outubro a esta parte, não tem descansado da sua ardua missão, espinhosa sobretudo pelos escassos subsidios de consulta e de confronto que existe no nosso país para semelhantes estudos.

Actualmente já se acham inventariados quatro mil numeros, que comprehendem os manuscritos autonomos e os volumes que contém diversas peças, algumas d'ellas de pequenas dimensões. Todas são descritas por fórmula que se fica sabendo a materia exacta do seu conteúdo.

Estas descrições referem-se não só á parte intrinseca da obra, mas aos seus caracteres extrinsecos, ou parte material propriamente dita. Assim se mencionam: a materia prima, pergaminho ou papel e neste ultimo caso a marca de agua, o formato com a medida das linhas; se o manuscrito é original ou copia; quem o executou calligraphica ou artisticamente; descrição dos desenhos e miniaturas; o mesmo com respeito ás encadernações ou outra circumstancia congenere, indicação

dos ex-libris e lista chronologica das livrarias e pessoas a que a obra pertenceu, etc.

Por esta breve resenha se ficará fazendo ideia aproximada da perfeição bibliographica do catalogo, que, oxalá, se conclua o mais breve possivel, sendo depois divulgado pela imprensa, para que os seus resultados beneficos mais facilmente sejam attingidos por todos os que mourejam neste campo das letras.

Sua Majestade o Sr. D. Carlos, por indicação do Sr. Ramalho Ortigão, foi quem ordenou que se procedesse, ainda que dispendiosamente, a este util e proficientissimo trabalho, que El-Rei vae seguindo com o maximo interesse.

Tem sido postas em evidencia muitas obras de alto merecimento, que jaziam ignoradas ou esquecidas. Entre ellas citaremos uma traducção hespanhola da Biblia, feita no sec. xv para uso dos Judeus.

É com prazer que registamos estes pormenores, esperançados de dar noticia, em não longinquo prazo, de se haver ultimado, com extraordinario proveito e não pequena gloria para o seu autor, a empresa que lhe foi incumbida e que muito realçará o seu nome, que por agora, para não offendermos a sua modestia, nos vemos obrigados a omittir».

(Do *Diario de Noticias*, de 1 de Agosto de 1906).

### 3. Portugal e a Catalunha (Escolas de pintura)

«*Meu caro Dr. Alfredo da Cunha.*—Num artigo intitulado «Portugal e a Catalunha», accentuava ha dias o seu excellente jornal, a proposito da criação, em Barcelona, de duas cadeiras para o estudo da lingua, da litteratura e da historia do nosso país, que, já pelas tradições historicas, já pela affinidade de ideias e de tendencias, a Catalunha é, para nós, uma das regiões mais sympathicas de Hespanha.

A leitura d'esse artigo suggeriu-me o pensamento de divulgar um facto revelado pelo erudito escritor hespanhol Sanpere y Miquel, num livro recentissimo, *Los cuatrocentistas Catalanes*, facto que, sendo do mais alto interesse sob o ponto de vista da génese da nossa antiga escola de pintura, constitue, ao mesmo tempo, mais uma prova das relações que outr'ora ligaram o extremo-occidente e o extremo-oriente da Peninsula.

Refiro-me á presença, documentalmente provada, dos pintores portugueses Vasco Fernandes e João Paiva em Tortosa e Barcelona, respectivamente, em 1459.

Este Vasco Fernandes não é, decerto, o autor do famoso *S. Pedro*, da Sé de Viseu, o artista visiense que uma escritura descoberta e im-

pressa pelo Sr. General Brito Rebello nos apresenta em Lisboa, na officina do pintor Jorge Affonso, em 1515, e que, segundo documentos publicados pelo Sr. Dr. Maximiano de Aragão, foi, desde 1512 até 1541, emphyteuta de uma casa em Viseu, sendo já fallecido em 13 de setembro de 1543.

Será, porém, o Vasco, «illuminador» da côrte de D. Affonso V, a quem se refere um documento, muitas vezes citado, de 1455? Pendo a crer que não.

Seja como for, é inquestionavel que, perante o facto apontado pelo sr. Sanpere y Miquel, corre-nos o dever de estudar com attenção os «primitivos» catalães, e determinar a influencia que acaso tenham exercido na formação da nossa antiga escola de pintura, até agora exclusivamente filiada pela critica na arte flamenga.

Mais uma vez se prova a impossibilidade de estudar a nossa arte sem estudar simultaneamente a arte hespanhola, e mais uma vez fica evidenciada a necessidade de reunir numa exposição os numerosos quadros anteriores á influencia da Renascença italiana que se encontrem no país,—a exemplo da exposição dos «primitivos» flamengos realizada em Bruges em 1902; da exposição de arte antiga nesse mesmo anno organizada pela commissão municipal de bellas-artes de Barcelona, e que determinou a elaboração do bello estudo do Sr. Sanpere y Miquel; da exposição simultaneamente effectuada no Louvre e na Bibliotheca Nacional de Paris em 1904, e que teve por objecto a arte franceza durante o governo dos principes da casa de Valois (1328-1589); etc.

Já em 1895 ou 1896 propus á grande commissão do centenario da India, de que tive a honra de fazer parte, que, por occasião das festas, se levasse a effeito em Lisboa uma exposição que permittisse o estudo da nossa antiga pintura—a determinação das influencias que nella actuaram, a evidenciação do que nella haja de typico e original, a formação de grupos ou series, e, tanto quanto possivel, attribuições seguras, pelo estudo conjugado de fontes pictorias e fontes documentaes.—D. JOSÉ PESSANHA».

(Do *Diario de Noticias*, de 16 de Agosto de 1906).

#### 4. Movimento artistico

«Quando ha pouco se inaugurou no Porto uma exposição commemorativa do centenario do eminente pintor *Vieira Portuense*, assim cognominado para se distinguir de outro artista que o precedêra, o não menos afamado *Vieira Lusitano*, pronunciaram-se diversos discursos, em que se accentuou mais uma vez a nota deprimente da nossa deca-

dencia artistica, e se accusaram os nossos governos de terem deixado ao abandono as cousas das bellas-artes, e não terem protegido convenientemente os seus cultores.

Esta critica, em absoluto, é injusta, porque é menos verdadeira. Não pretendemos absolver e muito menos fazer a apologia da acção governativa; desejamos apenas evidenciar que os factos não corroboram a censura, mórmente quando esta se manifesta com singular exaggêro.

A prova mais convincente de que o antigo regimen não descurou o ensino e boa pratica do sentimento esthetico, encontra-se ahi a cada passo nos innumerados monumentos de toda a especie que ainda nos restam, e alguns dos quaes fazem a admiração do estrangeiro.

Apesar de mais sujeitos ás diversas causas destruidoras do que a architectura e a escultura, os thesouros da antiga pintura portugueza ainda são preciosos, sendo bastantes as povoações do reino, do norte ao sul, que se podem orgulhar da posse d'essas inestimaveis joias.

As cathedraes, igrejas e outras corporações de Evora, Setubal, Lisboa, Thomar, Coimbra, Viseu, S. João de Tarouca, Porto, conservam nos seus recintos collecções mais ou menos avultadas, que formam galerias, e podem servir ao mesmo tempo de regalo á vista e de consolo ao espirito, porque são outras tantas paginas historicas e outras tantas miniaturas do livro do bello.

Está hoje provado que no tempo de D. Manoel houve em Lisboa uma importante escola de pintura, ou antes, para melhor dizer, um grande centro de faina artistica, do qual saíam diversos mestres a disseminar-se por outras terras do reino, onde iam exercer mais ou menos temporariamente a sua actividade.

Entre elles conta-se Vasco Fernandes, conhecido vulgarmente por Gran Vasco, o sublime autor do *S. Pedro*, da Sé de Viseu.

O movimento, porém, já vinha de longe, sendo não poucos os artistas que trabalharam no reinado de D. Affonso V e dos quaes chegaram até nós alguns apreciaveis vestigios.

Nos reinados a seguir ao de D. Manoel a corrente não se partiu, embora ficasse estacionaria no periodo filipino até que D. João IV, que prezava sobre tudo a musica, lhe deu novo impulso.

O numero de artistas portuguezes que em todos os tempos, por conta do rei ou do governo portuguez, foram estudar lá fóra é bastante avultado, e pena é que se não tenha organizado uma lista, por epochas e por especialidades, pela qual se pudesse formar ideia aproximada da influencia que tem exercido as escolas estranhas sobre os nossos artistas. A Flandres, a Italia, a Hespanha e a França são os paises que elles mais tem frequentado.

Nos tempos modernos os nossos artistas mais em voga tem sido pensionistas do Estado no estrangeiro, e por isso não se póde dizer que á mingua de protecção official é que os seus talentos não se tem expandido, de modo que formem reputações universalmente conhecidas».

(Do *Diario de Noticias*, de 21 de Agosto de 1906).

### 5. Ceramica Portuguesa

«A ceramica é, sem dúvida, uma das industrias artisticas que mais tem prendido a attenção de quantos se interessam pela arte.

Que em Portugal foi larga e brilhantemente cultivada, provam-no as bellas faianças que na segunda metade do sec. XVIII e nos primeiros annos do seculo passado se fabricaram em Lisboa (Rato, Bica do Sapato, etc.), no Porto, em Coimbra, em Vianna do Castello, em Estremoz, etc., as caracteristicas faianças decorativas das Caldas da Rainha, os formosísimos azulejos, de diversos generos e de differentes epochas, que revestem as paredes de muitas das nossas igrejas, capellas, conventos e palacios, e até de não pequeno numero de modestas residencias.

Nos ultimos annos, tem os productos da ceramica nacional sido colleccionados e estudados com certo enthusiasmo, devendo citar-se, como das mais evidentes manifestações d'esse interesse, a exposição levada a effeito, no Porto, em 1882, pela benemerita Sociedade de Instrucção, os eruditos estudos do Sr. Joaquim de Vasconcellos por essa occasião publicados, e a constituição de numerosas colleções particulares, formadas, por vezes, á custa de avultado dispendio.

Faltava, porém, uma historia geral, quanto possivel completa e documentada, da nossa actividade nesse ramo das industrias de arte. e um dicionario de marcas, que servisse de guia ao amator.

Esse trabalho, acaba de realizá-lo um artista distincto, o Sr. José Queiroz, que a elle consagrou, com rara perseverança, mais de dez annos de estudo sobre alguns milhares de peças, umas de colleções officiaes e particulares, outras dispersas, e sobre as fontes documentaes de que póde haver noticia.

O livro, em que o Sr. Queiroz vae apresentar-nos o resultado das suas longas e trabalhosas investigações, deve ser publicado no proximo inverno. Comprehende um esboço historico da ceramica em Portugal, noticias documentadas acêrca das principaes fabricas, um dicionario de marcas para o qual o autor colligiu mais de 650, quasi todas ineditas, outro dos nossos ceramistas, um estudo sobre o azulejo e outro sobre a escultura ceramica, etc.

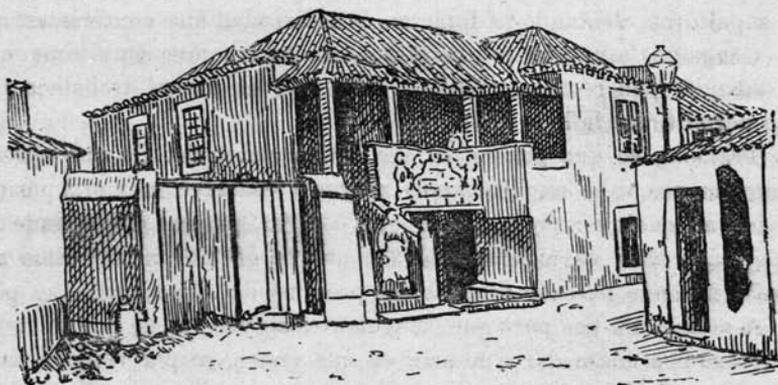
Fórma, ao que nos consta, um bello volume de cêrca de 400 paginas, amplamente illustrado. As gravuras são do *atelier* do Sr. Tho-

más Bordallo Pinheiro, e a parte typographica foi confiada ás officinas do *Anuario Commercial*, de que é proprietario o Sr. Manoel José da Silva, e que, decerto, hão de pôr o mais acurado esmero na execução d'essa obra, destinada, pela sua natureza, a um publico selecto, aqui e no estrangeiro, onde, felizmente, a nossa historia, a nossa litteratura e a nossa arte vão despertando interesse».

(Do *Diario de Noticias*, de 29 de Agosto de 1906).

### 6. Almoçageme

«Foi neste pittoresco logar, pertencente ao concelho de Cintra, onde, conforme nos noticiou o nosso dedicado correspondente, se realizou no domingo a festa annual a Nossa Senhora das Graças.



Almoçageme — Uma casa antiga

As nossas gravuras representam: uma casa antiga, que achamos curioso publicar, e a outra, o largo principal onde se effectuou o arraial».

(*Diario de Noticias*, de 10 de Outubro de 1906).

*Nota.* — Fóra dos estudos do Sr. Rocha Peixoto, publicados na *Portugalia*, pouco mais ha sobre as habitações rusticas em Portugal, o que é devido á falta de inclinação d'aquelles a quem mais competia esse trabalho para tudo quanto ha tradicional entre nós. Todavia nós não podemos bem conhecer o desenvolvimento da civilização em Portugal sem irmos ás aldeias mais reconditas do país, para ahi apanharmos em flagrante as manifestações diversas da antiguidade que ainda hoje sobrevivem. Especialmente a habitação offerece-nos com facilidade o automatismo ethnico e os effeitos das conquistas em grau de subida pureza.

Quanto mais subirmos na antiguidade, tanto mais facilmente podemos comprehender os productos modernos que tendem a unificar-se. É o que succede nos individuos que, á medida que vão envelhecendo, vão perdendo cada vez mais a espontaneidade da manifestação dos sentimentos.

### 7. Um cemiterio?

«Cintra, 13.—Na Praia das Maças, na encosta sobranceira á praia, para o lado do nascente, ou seja na margem direita do rio, por virtude de umas escavações que ali se tem feito ha dias, para arrancar *burneira*,—areia petrificada, empregada nas construcções, em substituição do tijolo,—tem apparecido muitas ossadas humanas, que dão ideia de ter sido aquelle local algum cemiterio antiquissimo.

Os trabalhadores empregados naquella exploração, tinham até hontem destruido quatro sepulturas, que são abertas na *burneira*, e de onde extrahiram muitos ossos, alguns dos quaes se desfizeram por completo.

Recommendámos-lhe com empenho, attendendo ao interesse que d'ali poderia vir aos estudiosos, que de futuro se limitassem a descobrir as sepulturas, deixando-as intactas, e as ossadas que contivessem.

Chega-nos a noticia de que estão descobertas nove sepulturas, que só amanhã poderemos examinar, visto que os nossos trabalhos nos não permittiram ir hoje ali.

Trata-se, ao que parece, de um antigo cemiterio. De que epoca? Ninguem nos sabe explicar, pois ninguem conserva memoria de ter havido ali qualquer povoação. O que é certo, porém, é que aquellas sepulturas estão na mesma linha em que se encontram as ruinas romanas no anno passado descobertas proximo de Almoçageme.

A noticia ahí fica para que competentes ali vão ver do que se trata, limitando-nos nós a dar a noticia do que vimos, se por ventura tiverem sido attendidos os nossos conselhos para que não se destrua tudo».

(D-O Seculo, de 14 de Outubro de 1906).

### 8. Apparecimento de ossadas na Praia das Maças

«Cintra, 13.—C.—Na Praia das Maças, proximo do local *terminus* dos carros electricos, foram abertos uns caboucos para exploração de pedra. Agora appareceram nove sepulturas, e numa d'ellas uma caveira em bom estado de conservação.

O caso produziu bastante sensação, tendo já hoje ido ali grande numero de pessoas examinar estes sepulcros.

Sabemos que o Sr. Visconde de Idanha, digno administrador do concelho, vae ali amanhã, não consentindo que naquellas escavações se façam quaesquer trabalhos que possam destruir ou prejudicar a estrutura das mencionadas sepulturas».

(Do Diario de Noticias, de 14 de Outubro de 1906).

### 9. As sepulturas na Praia das Maças

«Tem sido grande o numero de pessoas que, attrahidas pela nossa noticia de hontem, foram hoje á praia das Maças ver as sepulturas ali descobertas. Infelizmente pouco tem para ver, pois que o espirito destruidor d'aquella gente, e talvez que o desejo ou a esperanza de descobrirem alguns objectos de valor, tem destruido os vestigios de todas as sepulturas descobertas, em numero superior a dez. Hoje só uma sepultura existia intacta, mas a sepultura só, porque a ossada foi tirada de lá em grande parte, e o cranio, que ainda estava inteiro, partido de encontro a uma pedra.

As sepulturas, porém, parece prolongarem-se para a estrada, e talvez que fosse possivel alguem ter força naquella gente para conseguir que algumas deixem intactas, a fim de se poder melhor averiguar a epoca a que pertencem.

As sepulturas que hoje ali vimos, e que é, como já dissemos, cavada na *burneira*, não tem dois metros de comprido, e mede só dois palmos de largo. A ossada que ali se encontra apresenta-se completa, tanto quanto o podia estar attendendo á sua antiguidade; estava como todas as que se tem encontrado, com a cabeça para o lado do rio e os pés para o nordeste.

Sobre as covas ha uma camada de terra negra, de pouco mais de um palmo de espessura, e, por sobre esta, areia na altura mais de um metro.

Temos procurado investigar se tem apparecido e sido recolhidos alguns fragmentos de ceramica, armas ou moedas, e tem-nos affirmado que nada tem apparecido.

Nada ha, pois, que nos possa dar a certeza se ali foi cemiterio, e em que epoca, ou se, segundo alguns dizem, serão cadaveres arrojados á praia que ali tinham sido enterrados, o que nos não parece provavel por serem em tão grande numero».

(Do *Diario de Noticias*, de 15 de Outubro de 1906).

### 10. Descobrimto de seis sepulturas e ossadas

«Covilhã, 13.—C.—Os jornaleiros empregados na plantação do pinhal do Sr. José Maria de Mello, no sitio do Cabeço do Senhor Jesus, acabam de descobrir seis sepulturas e respectivas ossadas, que parecem datar de longa epoca. O chefe da policia foi visitar o local e colher informações, constando que ha ainda mais sepulturas, feitas todas em saibro ou fraga, com vãos para os pés e cabeça, ficando esta in-



variavelmente para o nascente. Vae ser ouvido o sub-delegado de saude e levantado o competente auto».

(*D-O Seculo*, de 15 de Outubro de 1906).

### 11. Duas inscrições romanas na praia de Santa Cruz

«De Santa Cruz pouco se pôde adeantar com respeito á sua origem. Apenas da *Descripção Historica e Economica da Villa e Termo de Torres Vedras* se pôde concluir que fôra uma grande povoação no tempo dos romanos. Com o correr dos seculos decaiu da sua grandeza, chegando a ter uns 7 a 8 fogos e uns 28 a 30 moradores, sendo o terreno arido e coberto pela maior parte de areias, que os ventos tem acarretado para terra.

Em 1861 já ali se via maior numero de casas, e de então para cá tem aumentado bastante, sendo aquella a praia predilecta dos moradores da villa e termo de Torres Vedras.

É tradição que fôra parochia de Atouguia.

A attestar a antiguidade de Santa Cruz existem várias sepulturas, de Romanos bem abastados ou illustres, uma das quaes foi levada em tempos para o extincto convento de Penafirme; outra ainda se vê em Santa Cruz, junto ás casas do illustre viticultor torreense Sr. Manoel Francisco da Veiga, e é um caixão de pedra lioz, com seu ornato de relevo dos lados da parte de baixo, e tem numa das cabeceiras um epitaphio que só em setembro de 1858 se descobriu e leu, porque até ahi estavam as letras quasi todas soterradas. Muitas das letras estavam em parte gastas, e em parte quebradas por mão rustica quando para ali a conduziram; mas as que se descobrem são muito bem abertas e com pontuação exacta de pontos.

O que ainda se lê, segundo pessoas competentes, é o seguinte:

«Caio . . . filho de Quinto . . . de idade 25 annos, está aqui sepultado. Valerio e Julia . . . o mandaram fazer. Seja-te a terra leve».

Esta sepultura foi achada nos alicerces da primitiva ermida de Santa Helena, ha 150 annos, a qual se desmoronou por estar já a cair no mar».

(Do *Diario de Noticias*, de 16 de Outubro de 1906).

### 12. O theatro romano de Lisboa, segundo um antigo viajante sueco

«Com os mais desencontrados sentimentos foi-me dado hoje contemplar um notavel monumento archeologico, que no outomno passado se descobriu casualmente na Rua de S. Mamede.

Tendo previamente tomado as necessarias informações, dirigi-me para esse lugar. Chegado a uma das mais altas collinas da cidade,

de onde se goza uma linda vista dos bairros baixos e do rio, descendo por um caminho muito sinuoso, entre terrenos estratificados, até que fui dar a uma pequena praça, onde muros de terra limitavam o horizonte por todos os lados.

Columnas abatidas, umas inteiras, outras em pedaços, architraves e capiteis jaziam espalhados aqui e acolá. Era o sitio onde se erguia outr'ora um theatro romano.

No amphitheatro, de marmore de côres, mais ou menos conservado, havia uma inscripção que permittia fazer ascender a sua antiguidade ao anno 57 do nascimento de Christo. Era consagrada a Nero por um sacerdote augustano, chamado Caius Heius Primus, e continha uma enumeração dos titulos adoptados pelo imperador<sup>1</sup>. Sob um silencio de abandono, achava-me pois numa praça onde em tempos remotos, subditos da nação, que era soberana no mundo, se davam reuniões para gozar os bellos prazeres da arte! Mas era apenas a sombra de antigas pompas o que se via nessas ruínas, que, depois de tantos seculos occultas do olhar dos homens, começavam agora a surgir de novo numa luz duvidosa. A adulação em louvor do mais abominavel tyranno da terra, estava ali orgulhosamente perpetuada naquella lisonja lapidar. A inscripção comtudo era mais simples do que muitas outras de seculos posteriores em honra de principes fracos ou tyrannos, e que celebravam virtudes que elles não tinham, em contraste flagrante com os vicios, que formavam o traço principal do seu character».

(*Diario de Noticias*, de 29 de Novembro de 1906. Tradução do sueco por Antonio Feijó das *Viagens em Portugal*, 1798-1802, de C. J. Ruders).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

## II

### Sepulturas de Alforada

Segundo uma informação do Sr. Cayeux, funcionario do Jardim da Escola Polytechnica, transmittida ao Museu Ethnologico pelo Sr. Paul Choffat, consta que numa propriedade do Sr. Conde da Ervedeira, junto á estrada de Reguengos, perto da Vendinha, monte de Alforada, a exploração de uma pedreira occasionou o acharem-se, ha quatro ou cinco annos, algumas sepulturas formadas por lousas, e com esqueletos dentro. Podem ver-se ainda no logar algumas lousas. Não se encontrou objecto algum. Parece que tambem se encontraram galerias de esqueletos qua se consideram romanos. (1906).

F. A. P.

<sup>1</sup> [Cf. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 183].

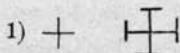
## III

## Assinar de cruz

Era costume outr'ora *assinarem de cruz* nos documentos officiaes os individuos que não sabiam escrever. Hoje esse costume está em decadencia, posto que eu o tenho observado bastantes vezes. D'ahi vem o que se lê em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v.: «*assinar de cruz* dizemos que o faz o membro de alguma corporação, ou contrato, »que por ignorante, ou deferente e subserviente, faz quanto querem »d'elle, e não tem voto seu».

A regra hoje é quem escreve o documento fazer nm traço horizontal entre os dois nomes da pessoa que assina, por ex.: *Manoel — Dias*; e esta depois completar a cruz: *Manoel + Dias*.

Num manuscrito de 1582-1583, muito roto e estragado, pertencente á Misericordia de Guimarães, encontram-se os seguintes sinaes no meio dos nomes de pessoas que não sabiam escrever:



No primeiro exemplo vemos simplesmente cruces, embora cada uma de sua fórmula. No segundo está uma cruz inscrita em um circulo. No terceiro figura um *signum-Salomonis*, que para o povo tem pouco mais ou menos o mesmo valor religioso que a cruz<sup>1</sup>.

J. L. DE V.

## IV

## Novo additamento á noticia necrológica do Dr. Teixeira de Aragão

(Vid. *O Arch. Port.*, xi, 253)

Por indicação do Sr. Annibal Fernandes Thomás, encontrei no *Almanach Arsejas* mais os seguintes artigos do Dr. Teixeira de Aragão:

- a) *O Diabo e a sua côrte*: Almanach de 1877, p. 49 sqq.;
- b) *Typos historicos*: Almanach de 1878, p. 51 sqq.

<sup>1</sup> Isto que digo póde tambem verificar-se nos amuletos, onde a cruz alterna com o sino-saimão.

Estes dois artigos foram, como verifiquei, aproveitados depois por Aragão no seu livro *Diabruras, Santidades e Prophecias*, Lisboa 1894, pp. 11 sqq. e 42 sqq, e pp. 133 sqq. e 147 sqq. Tratam de superstições populares, e dos prophetas do sec. XVI, Bandarra e Simão Gomes.

J. L. DE V.

## Acquisições do Museu Ethnologico Português

Fevereiro de 1906

O Sr. **Pedro Ferreira** offereceu vinte e tres moedas indo-portuguesas e um *pataco* de louça.

A Sr.<sup>a</sup> **D. Maria Guilhermina de Jesus** offereceu nove moedas bysantinas, de cobre.

O Sr. **Pedro de Azevedo** offereceu dois machados de pedra da freguesia de Lousa, concelho de Loures, e outro da freguesia de S. Mamedê da Ventosa, concelho de Torres Vedras.

O Sr. **J. Gualdino Pires** offereceu um machadinho de serpentina.

O Sr. **Francisco Simões** offereceu uma tegula, quasi inteira.

O Sr. **Dionisio Augusto** offereceu um machado de pedra de Cidadelhe, concelho de Pinhel.

O Rev.<sup>do</sup> **Manoel Soares da Silva** offereceu duas lapides romanas.

O Sr. Director do Museu adquiriu os seguintes objectos:

Duas moedas de prata do continente do reino e uma rupia da India portuguesa; 116 pergaminhos, soltos, dos sec. XIV, XV e XVI; 20 documentos, escritos em papel, dos sec. XVI e XVII; cinco livros manuscritos, dos mesmos seculos; um maço de documentos do sec. XVI; e tres machados de pedra e um de bronze, por intervenção do Sr. **Jaime Leite de Vasconcellos Pereira de Mello**.

O Sr. **Dr. Felix Alves Pereira**, official do Museu, adquiriu os seguintes objectos, de Arcos de Val de Vez:

Modelos de talão, de tear, de lagar, de espigueiro e de arado sem rodas (*cabrita*); um modelo de armario de cozinha minhota, e uma carranca de pedra de epoca portuguesa.

Obtive em um leilão quinze moedas indo-portuguesas de prata e cobre, uma das quaes, *atiá* de Diu, do tempo de D. Pedro II, é muito rara.

Março de 1906

O Sr. **Mario Abreu Marques** offereceu dois machados de pedra.

O Sr. **Manoel Fernandes Junior** offereceu uma lança de bronze.